

Sangue inocente

N
30/5/87

O regime racista de Pretória acaba de sujar as suas mãos com o sangue inocente de mais três moçambicanos — um dos quais uma mulher, uma mãe com uma filhita ainda de colo que foi encontrada, chorando, junto dos cadáveres ainda quentes dos seus pais.

O facto não deve incomodar particularmente os senhores racistas de Pretória, não é de esperar que lhes tire o sono. É verdade que se enganaram no alvo mas, ao fim e ao cabo, trata-se apenas de pretos, não é isso? E depois, que diferença podem fazer mais três seres humanos, mais uma mulher, mais uma mãe, para aqueles cujas mãos já se tingiram com o sangue de milhares de inocentes — moçambicanos, sul-africanos, angolanos, tswanas, suthos, zambianos, suázis? Que diferença podem fazer mais três mortos para aqueles que diariamente organizam a fome, a miséria, a destruição e a morte no território moçambicano, através de hordas de bandidos cuja selvaia só encontra paralelo em épocas recuadas e sombrias da história da Humanidade?

E, no entanto, aqueles que assim procedem apresentam-se como defensores da civilização ocidental, atribuem-se o papel de paladinos da milenar civilização cristã nesta zona de África...

E, no entanto, há ainda em Moçambique (felizmente poucos, felizmente isolados) os que afirmam que devemos sentar-nos à mesa com os chefes das hordas; que devemos apertar a mão que, momentos antes, talvez decapitou um homem, cortou o seio de uma mulher, esventrou uma criança...

Deveremos estranhar que seja também em nome da civilização cristã e ocidental que se erguem essas vozes isoladas?

Cada novo crime, cada novo assassino, cada novo massacre, com toda a dor e todo o luto que trazem, ajudam-nos a compreender melhor o carácter da luta que travamos, tornam ainda mais clara a natureza do inimigo, reforçam ainda mais a nossa determinação.

O «apartheid» é um regime condenado pela História, é um sistema obsoleto, anacrónico, cujos dias estão contados — como o estão os das hordas que ele arma e organiza para invadir Moçambique. Acções criminosas como a de ontem, como todas as que quotidianamente promove em Moçambique e noutros países, têm como único efeito tornar cada vez mais difícil uma transição relativamente pacífica para uma sociedade sul-africana não-racial e democrática.

Essa sociedade no entanto virá, num dia que já não pode estar muito distante, e se não vier por meios pacíficos quer dizer que virá de outra maneira. Os povos da região podem esperar por esse dia, porque os povos não morrem, têm todo o tempo da História à sua frente. Mas os regimes, esses morrem, são liquidados, são destruídos pelos ventos imparáveis da História.

O regime sul-africano, com os seus crimes, com a sua cegueira, com a sua irresponsabilidade suicida, compromete cada vez mais a possibilidade, que ainda existe, de a minoria que representa vir a encontrar um lugar para si na História e na Geografia da nossa região.